

## O SIGNIFICADO FILOSÓFICO DO *ESFORÇO DESPORTIVO*

EM J. ORTEGA Y GASSET

### Introdução

Em 1929, na sua reflexão sistemática sobre *¿Qué es filosofía?*, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset questiona, a dado passo, a necessidade, ou não, da Filosofia. E, nesse contexto, em que descarta o tipo de necessidade aferida pela utilidade, sustentará: “La verdadera necesidad es la que el ser siente de ser lo que es – el ave de volar, el pez de bogar y el intelecto de filosofar.”<sup>1</sup> Em tão poucas palavras, o filósofo indiciava a sua preocupação com o que pode ser considerada a autenticidade ontológica, num quadro reflexivo em que a vários modos de ser corresponderão diversas modalidades de agir. A necessidade própria da actividade filosófica não se define, certamente, como a necessidade do que é útil, pois o que é útil é-o para outra coisa, pelo que, afinal, a *necesidade do útil* não é verdadeira necessidade, já que “es sólo relativa, relativa a su fin”<sup>2</sup>. O carácter instrumental do que é de ordem utilitária não afecta o filosofar, como, aliás, não afecta, em geral, a vida no que tem de humana e que Ortega diz ser apenas compreensível como um *imenso fenómeno desportivo*<sup>3</sup>. É interessante verificar como o pensador madrilenho, num momento de maturidade da sua obra, relaciona com naturalidade a sua doutrina sobre **o viver** com o que entende ser **o filosofar** e encontra no âmbito do **desporto** o fio que os liga.

---

<sup>1</sup> ORTEGA Y GASSET, José - *¿Qué es filosofía?*, in *Obras completas*. Tomo VIII, Madrid: Taurus - F.J.O.G., 2008, pp. 278-279. Doravante, citaremos todos os textos publicados nesta edição de *Obras completas*, através da sigla *Oc*, seguida da indicação do Tomo em numeração romana e da de página(s) em numeração árabe. Quanto a *¿Qué es filosofía?*, passará a ser citado em rodapé, através da sigla *QF?*. Por opção nossa, não remeteremos neste breve ensaio a bibliografia secundária; assim, dispensamo-nos de antepor às fontes citadas nas próximas notas, quer o nome de Ortega, quer a sua substituição por IDEM.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 278.

<sup>3</sup> Cf. *ibidem*.

## 1. Ortega e o desporto

Que relação teve Ortega com o desporto? – perguntará alguém que não seja um conhecedor da obra orteguiana. Podemos considerá-lo um filósofo do desporto? Encontramos nele alguma justificação da importância da Filosofia do Desporto? Trata-se de perguntas expectáveis num Congresso dedicado a esta área de investigação e a que, lamentavelmente, não posso dar uma resposta taxativa. O que, isso sim, é certo é que durante décadas (embora com mais frequência na segunda e terceira do século passado), os textos do pensador espanhol aludem ao desporto e, sobretudo, ao carácter desportivo de certas formas de viver, em que aos nobres guerreiros de outras épocas se vêm juntar o *gentleman*, o praticante de um ou mais desportos e o filósofo.

O interesse de Ortega pelo desporto dá-se, principalmente, por duas ordens de razões: por um lado, toma o desporto como uma das tendências do seu tempo, a respeito do qual sente ser indispensável meditar; por outro lado, encontra no universo desportivo um conjunto de imagens que lhe permitem caracterizar, por analogia, a vida humana e a Filosofia enquanto maneira peculiar e heróica de viver.

Em 1920, Ortega exprime a sua convicção de que parecerá estranha a quem o leia (pouco ortodoxa, até, em Filosofia...) a sua invocação do desporto: “Bien sé que a la hora presente me hallo solo entre mis contemporáneos para afirmar que la forma superior de la existencia humana es el deporte.”<sup>4</sup> Essa afirmação tem uma força particular num filósofo que assume ser *nada moderno y muy siglo XX* – dizendo-o

---

<sup>4</sup> “El Quijote en la escuela”, in *Oc*, Tomo II, p. 427.

por recurso a um título da sua autoria –<sup>5</sup>, ou seja, assume constantemente demarcar-se do século XIX, com a sua mundividência utilitarista. Em grande medida é o conhecimento que Ortega vai tendo dos estudos mais recentes em Biologia<sup>6</sup> que lhe vem reforçar, quer a sua oposição clara ao que considera simplista nas explicações darwinianas da vida, quer, em geral, a sua defesa (em que se irmana com Nietzsche) da importância de salvaguardar uma superabundância de energias graças à qual o ser humano pode, sem recusar o perigo correspondente, enfrentar a aventura do seu aperfeiçoamento corajoso e das difíceis escolhas de caminhos por desbravar. A realização apenas de actividades utilitárias, que têm no *trabalho*, na ocupação forçada, o seu símbolo, não permite ao ser humano ser fiel a uma *profunda exigência do seu organismo*<sup>7</sup>. Ora, é dessa fidelidade que decorre o **sentido da vida**, comparável à **satisfação** que no desporto o esforço rigoroso, disciplinado e auto-imposto permite obter.

Num momento em que os desportos começavam a ganhar uma difusão inusitada, traduzida, por exemplo, no espaço crescente que as notícias sobre desporto têm na imprensa<sup>8</sup>, o próprio filósofo procura apreender o que os

---

<sup>5</sup> Cf. “Nada moderno y muy siglo XX”, in *ibid.*, pp. 165-167.

<sup>6</sup> Cf., ex., as referências, nomeadamente às teorias de Loeb e de Jennings sobre os movimentos dos animais, em “El sentido deportivo de la vitalidad”, in *Oc*, Tomo VII, p. 825 e ss.

<sup>7</sup> A fidelidade a essa exigência é o que subjaz à verdadeira *exemplaridade* humana, de inegável relevância ética: “[...] el hombre verdaderamente ejemplar no se propone nunca serlo. Obedeciendo a una profunda exigencia de su organismo, se entrega apasionadamente al ejercicio de una actividad – la caza o la guerra, el amor al prójimo o la ciencia, la religiosidad o el arte. En esta *entrega* inmediata, directa, *espontánea*, a una labor consigue *cierto grado de perfección*, y entonces, sin que él se lo proponga, como una consecuencia imprevista, resulta ser ejemplar para otros hombres.” – “No ser hombre ejemplar”, in *Oc*, Tomo II, p. 476. [Os sublinhados são nossos, para assinalar a importância de certos termos para a compreensão do tema que nos propusemos tratar.]

<sup>8</sup> “En pocos años hemos visto crecer la marca del deporte en las planas de los periódicos (...)” – *La deshumanización del arte e ideas sobre la novela*, in *Oc*, Tomo III, p. 875. “[...] con solo haber mirado los periódicos pudo notarse como día por día ganaban en ellos espacio tipográfico las informaciones deportivas con detrimento de la política y otros temas de sólo llamados serios. (...)” – “Meditación de nuestro tiempo. Introducción al presente”, in *Oc*, Tomo VIII, p. 64.

distingue de certos jogos, cuja prática não requer o espírito dos desportistas: “A mi juicio – escribe en 1925 –, la diferencia entre deporte y juego está en que aquél incluye un riesgo, aunque sea el de un esfuerzo excesivo. El deportista en vez de rehuir el peligro, va a él, y por eso es deportista.”<sup>9</sup> Já numa sua conferência de Novembro de 1924, inédita até à publicação recente das suas novas *Obras completas*, Ortega tinha sustentado que convém “no confundir el deporte con el juego (...) propiamente un nombre solo aplicable a la actividad infantil.” Ao contrário do que acontece com a criança, que “juega siempre”<sup>10</sup>, para o adulto “el juego no es esfuerzo sino descanso y diversión. Se detiene donde lo penoso comienza que es precisamente donde empieza el deporte. Le faltan todos los atributos de este: entrenamiento, disciplina, riesgo (...)”<sup>11</sup> Para além de observarmos que aqui apenas são concebidos como jogos os passatempos (e não os jogos desportivos com a sua dimensão competitiva), não podemos deixar de atender, acima de tudo, ao lugar central que a categoria de *esfuerzo* tem nesta referência directa ao desporto e que permitirá o seu uso analógico nas considerações orteguianas sobre a vida, em termos biológicos e, mais estritamente, em termos antropológicos, com especial interesse no plano ético e no plano da compreensão filosófica do próprio filosofar.

---

<sup>9</sup> “Notas del vago estío”, in *Oc*, Tomo II, p. 547.

<sup>10</sup> Note-se, que o verbo castelhano “jugar” significa “jogar” e “brincar”.

<sup>11</sup> “El sentido deportivo de la vitalidad”, ob. cit., p. 833. Cf. “[Sobre el buen dolor]”, in *Oc*, Tomo VII, pp. 759-760.

## 2. A qualidade eminente do esforço desportivo

Na sua conhecida abordagem sobre “El origen deportivo del Estado”<sup>12</sup>, Ortega afirma liminarmente que “la vida plena nos aparece siempre como un esfuerzo, pero este esfuerzo es de dos clases”; e distingue, então, “el esfuerzo que hacemos por la simple delectación de hacerlo (...); y el esfuerzo obligado a que una actividad impuesta y no inventada o solicitada por nosotros nos apura y arrastra”<sup>13</sup>. O que chama *esfuerzo obligado* tem o seu máximo exemplo (como atrás dissemos de passagem) no trabalho e o outro tipo ou *classe de esfuerzos supérfluos* tem o seu exemplo mais claro no desporto. Esta contraposição, igualmente sintetizada por Ortega através das figuras bíblicas das irmãs Marta (a que se afadiga) e Maria (a amorosa)<sup>14</sup>, será inúmeras vezes retomada pelo filósofo, em fases diversas da sua obra<sup>15</sup>.

Em *El tema de nuestro tiempo*, livro publicado pelo pensador espanhol em 1923 e por si corrigido e aumentado para posteriores reedições, aquela distinção entre modalidades de esforço foi explicada em função de uma motivação fora do comum e que escapa ao cálculo: “Si en el trabajo es la finalidad de la obra quien da sentido y valor al esfuerzo, en el deporte es el esfuerzo espontáneo quien

---

<sup>12</sup> Ortega considera haver na origem do Estado um exemplo da fecundidade criadora que reside na *potência desportiva* (principalmente patente nos jovens – nos rapazes, para o filósofo –, que se organizam e lutam pelo triunfo dos seus propósitos): “(...) no ha sido el obrero, ni el intelectual, ni el sacerdote (...), ni el comerciante quien inicia el gran proceso político; ha sido la juventud, preocupada de feminidad y resuelta al combate; ha sido el amator, el guerrero y el deportista.” – “El origen deportivo del Estado”, in *Oc*, Tomo II, p. 715.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 707.

<sup>14</sup> O título geral das duas conferências proferidas pelo filósofo em 14 e em 18 de Novembro de 1924, na Residencia de Señoritas (a primeira das quais citada no início da nossa nota 11 e a segunda, intitulada “El Estado, la juventud y el carnaval”, que seria o embrião do ensaio “El origen deportivo del Estado”, citado na nossa nota 12) foi precisamente “Marta y Maria o trabajo y deporte”.

<sup>15</sup> Cf., ex., *QF?*, ob. cit., pp. 277-278.

dignifica el resultado.”<sup>16</sup> É claro que para nós, que hoje testemunhamos a profissionalização do desporto, com a retribuição pecuniária por vezes altíssima de certos praticantes e a constituição de *clubes-empresa* cotados em bolsa, mais preocupados talvez com os resultados do que com a *dignificación dos resultados*, a caracterização do esforço desportivo feita por Ortega parece um pouco idílica, pois diz que se trata “de un esfuerzo lujoso, que se entrega de manos llenas sin esperanza de recompensa, como un rebose de íntimas energías”, o que justifica que “la calidad del esfuerzo deportivo sea siempre egregia, exquisita”<sup>17</sup>. Neste contexto, o filósofo não está, como é óbvio, a referir-se em termos literais aos desportos, mas sim à atitude, exemplar nos desportistas, de entrega ao exercício, aceitando que o esforço respectivo merece ser despendido, sem que seja submetido à quantificação que pauta a habitual remuneração do trabalho. Não são razões económicas, não são objectivos utilitários, o que move os autores, os criadores das obras humanas verdadeiramente valiosas, seja na Arte, na Ciência, na Política, ou em qualquer outro domínio de actividade, em que o ser humano,

---

<sup>16</sup> *El tema de nuestro tiempo*, in *Oc*, Tomo III, p. 609. Por isso o autor pôde sustentar também que a “existencia del hombre tiene un carácter deportivo, de esfuerzo que se complace en sí mismo y no en su resultado.” – “Miseria y esplendor de la traducción”, in *Oc*, Tomo V, p. 712.

<sup>17</sup> *El tema de nuestro tiempo*, ob. cit., p. 609. Não admira que os comentadores de algumas transmissões televisivas dos Jogos Olímpicos, que estão a decorrer em Londres, coincidam na sua apreciação de certos exercícios ou provas desportivas, observando: “Senhores telespectadores: o que estamos a ver é de outro mundo!...” Na verdade, Ortega refere-se ao *carácter deportivo* como “creador de posibilidades insospechadas” – cf. “El origen deportivo del Estado”, ob. cit., p. 777 –, o que pressupõe uma *sensibilidadade*, não de negócio, mas de ócio e audácia – cf. n. 18 e n. 27, *infra*. A esta sensibilidade liga-se ainda o *carácter festivo* muitas vezes indicado, nos textos orteguianos, para tipificar as actividades a que o ser humano se entrega livremente. A este propósito destacamos, uma vez que nos referimos aos Jogos Olímpicos, o seguinte excerto: a “ubicuidad del deporte contemporáneo da mucho que pensar (...). Esa unidad deportiva del globo terráqueo es la expresión de una futura unidad total. Siempre ha acontecido así: no fue la política ni fue la economía quien produjo las primeras unificaciones de los grupos humanos distantes o dispares, sino la *fiesta deportiva*. El caso de los juegos olímpicos y delficos es el más conocido (...) en él se advierte que el máximo de unidad posible se logró sólo en forma de juego, y que de ésta se nació la idea de la Hélade, de la cultura unitaria, que Alejandro se encargó de derramar sobre Oriente, y que luego, en magnífico reflujó, educó el Occidente mediterráneo (...)” – “Charla, nada más”, in *Oc*, Tomo IV, p. 77 (o sublinhado é nosso).

qual autêntico desportista, se coloca nos antípodas do negócio<sup>18</sup> e se dedica, por sua iniciativa espontânea e não por imposição externa, a um esforço que é portanto livre, o que não significa que esteja isento de dureza (ou não seria adequado chamar-lhe sequer *esforço*).

Como antecipámos já, Ortega invoca o desporto, em franca expansão na sua época, por ele lhe fornecer uma espécie de protótipo de qualidades indispensáveis às tarefas humanas mais sublimes, para a concretização das quais o filósofo espanhol, com intuito formativo, procurava acicatar os seus contemporâneos. Assim, é sugestivo que pense também a necessidade de aceitar as dificuldades, os desafios que requerem uma vontade firme e escreva mesmo: “Conviene, a la altura en que la humanidad se halla, reivindicar la gracia del dolor”. E um pouco depois: “Por ventura, acaso, las tres cosas que en más alto grado simbolizan el afán gigantesco de vivir alojado en el hombre son el deporte, el heroísmo y el amor. (...) En ellas el hombre afirma, elabora, edifica una penas fecundas.”<sup>19</sup>

Quer dizer, ao nosso autor interessa não o esforço sem sentido, não o sofrimento e a dor vividos como um castigo, mas as tarefas exigentes e mesmo duras da vida para as quais nos podemos preparar, tal como um desportista que procura *estar em forma* para os desafios (ou *competições*, em acepção lata) em que se propõe participar.

---

<sup>18</sup> Ortega fala, até, em *esforço antieconómico* – cf. *El tema de nuestro tiempo*, ob. cit., p. 609.

<sup>19</sup> “[Sobre el buen dolor]”, ob. cit., p. 759.

### 3. A importância de *estar em forma*

Embora à configuração da doutrina orteguiana comece por ser fundamental o elogio da *vitalidade*, expressa no “novo entusiasmo por el cuerpo” e no “cultivo de los deportes corporales” que o filósofo testemunhava e que via associados a outras tendências características do seu tempo<sup>20</sup>, o que se afigura especialmente relevante é o propósito humano de *estar em forma*<sup>21</sup>. Esta expressão, “tan puramente deportiva” – reconheceu o próprio Ortega num artigo publicado na *Revista de Occidente*, em 1924 –, simboliza o resultado positivo do exercício disciplinado e serve de modelo do que identifica o ser humano autêntico e *selecto*, ou seja, alguém que, em todas as dimensões da vida, é capaz de escolher com auto-exigência<sup>22</sup>. Como o autor esclarece, no início da sua

---

<sup>20</sup> “(...) esta nueva fe en el cuerpo no se manifiesta sólo en la expansión torrencial de los deportes físicos. Es preciso agregar a ello, como figuras de la misma familia, la epidemia del baile, el triunfo del cinematógrafo, la preocupación higiénica, la atención de todas las clases sociales al traje, y el gesto, etcétera, etcétera.(...)” – “Meditación de nuestro tiempo. Introducción al presente”, ob. cit., p. 65.

<sup>21</sup> Com efeito, o filósofo denunciará até, a certa altura, o *exagero dos desportos*, referindo-se à distorção que consiste no culto exclusivo do corpo: “(...) los muchachos no se ocupan con fervor más que de su cuerpo y se están volviendo estúpidos.” – “Revés de almanaque”, in *Oc*, Tomo II, p. 817. E, no mesmo ano de 1930, criticará como um traço do *homem-massa*, a *tendência para fazer dos jogos e dos desportos a ocupação central da vida* – cf. *La rebelión de las masas*, in *Oc*, Tomo IV, p. 436. Três anos depois, numa conferência (organizada para angariação de fundos para uma viagem de estudantes universitários), o pensador espanhol volta a denunciar a “manía del cuerpo”, o “corporalismo”, que considera “anda ya en irremisible decadencia”, pois “el cuerpo, abandonado a sí mismo, es tonto y su repertorio muy escaso” – “¿Qué pasa en el mundo? — Algunas observaciones sobre nuestro tiempo”, in *Oc*, Tomo IX, p. 18. Como estamos a procurar evidenciar, o que Ortega defende, não são as deformações viciantes que empobrecem a pluridimensionalidade do humano, mas sim o intuito de fazer da vida, em todas as suas dimensões, uma missão voluntária e audaz, em suma, desportiva. Como não reagiria ele, hoje, perante, ou jovens abúlicos, que não revelam qualquer vitalidade, ou jovens que ocupam todo o seu tempo no ginásio ou na ostentação de músculos, como *Hércules de feira*...

<sup>22</sup> “(...) El selecto se selecciona a sí mismo al exigirse más que a los demás. Significa, pues, un privilegio de dolor y esfuerzo. Selecto es todo el que desde un nivel de perfección y de exigencias aspira a una altitud mayor de exigencias y perfecciones. Es un hombre para quien la vida es *entrenamiento*, palabra que (...) traduce exactamente lo que en griego se decía *ascetismo*. (El *ascetismo*, *áskesis*, es el régimen de vida que seguía el atleta, lleno de ejercicios y privaciones constantes para mantenerse *en forma*. Este vocablo tan puramente deportivo es acaparado luego por los cenobitas y monjes y pasa a significar la dieta del hombre religioso, resuelto a mantenerse en estado de gracia, esto es, *en forma*, para lograr el premio de la beatitud).” – “Cosmopolitismo”, in *Oc*, Tomo V, p. 201.



famosa conferência “Sobre la reforma universitaria”, que está na base da publicação de *Misión de la Universidad* (1930), *a forma tem de ser conquistada*: “lograrla supone que el individuo se ha recogido y concentrado sobre sí mismo, que ha practicado un entrenamiento, que ha renunciado a muchas cosas, que vive sobre sí, alerta, tenso, elástico.”<sup>23</sup> Por outras palavras, o *treino* indispensável à *conquista da forma* passa por uma *concentração* e um *viver sobre si*<sup>24</sup>, que se contrapõem ao relaxamento grosseiro, ao desleixo seja em que domínio for. Quem quer manter-se *em forma* não pode ser indiferente e tem de ser criterioso, “porque cada cosa, o es favorable a la forma, o la hace bajar, y en vista de ello la procura o la evita. En suma, estar en forma es no abandonarse nunca en nada. Pues esto, el abandonarse, el «de cualquier manera», el «lo mismo da», el «poco más o menos», el «¡qué importa!», eso es la chabacanería.”<sup>25</sup>

O esforço desportivo é um esforço preciso e, nesse sentido, delicado, com requisitos específicos. Com os olhos postos num resultado interior à própria prática, o desportista tem de ser escrupuloso no cumprimento de regras e possuir a determinação<sup>26</sup> própria daquele que é um verdadeiro ícone para o nosso filósofo: o *arqueiro*, que busca o alvo para as suas setas<sup>27</sup> e aponta para

---

<sup>23</sup> “Temple para la reforma”, in *Oc*, Tomo IV, p. 1039.

<sup>24</sup> Embora o autor não use neste contexto a categoria de *ensimesmamento*, ela está latente nesta noção de *concentración sobre si*. Ora, na filosofia orteguiana, o *ensimesmamento* é condição para agir humanamente. Trata-se da potencialidade de atender à intimidade própria, o que permite ao ser humano retirar-se *virtual e provisoriamente do mundo* e depois actuar, munido já de ideias sobre as coisas e situações, e sobre as hipóteses de delas se assenhorear. – Cf. *Ensismamamiento y alteración*, in *Oc*, Tomo V, p. 535 e ss.

<sup>25</sup> “Temple para la reforma”, ob. cit., p. 1039.

<sup>26</sup> Com efeito, trata-se de autodeterminação: “(...) la perfección no nos la exige nadie; la ponemos o intentamos nosotros por libérrimo albedrío, y, sin duda, merced a que nos complace su ejercicio (...)” – “No ser hombre ejemplar”, ob. cit., p. 478.

<sup>27</sup> Ortega cita inúmeras vezes esta imagem dada por Aristóteles. A título de exemplo, fica o seguinte excerto: “(...) Bentham (...) hombre moderno, burgués, dirá: «La deontología – o ciencia de los deberes – pide que la misma prudencia de cálculo que un hombre discreto aplica a sus negocios diarios sea aplicada al más importante de todos los negocios, el de la felicidad y la

cima<sup>28</sup>. Este é o símbolo, por excelência, do agir intencional para realizar os valores mais elevados, o ideal ético, afinal, que se impõe sem tibieza a quem queira estar à altura da sua humanidade. Incorporam-no apenas os que cultivam, esforçada e livremente, desportivamente, o misto de flexibilidade e força da vida *em forma* que dá a si mesma um fim e para ele se dirige com entusiasmo.

### Considerações finais

É obviamente no seio de uma teoria metafísica, que compreende o ser humano no horizonte da vida com graus diversos de plenitude<sup>29</sup>, que são significativas as referências de Ortega a facetas várias do fenómeno desportivo. Para um filósofo crítico da concepção utilitarista da vida, a competição e a selecção dos melhores pressupõe, não a mera adaptabilidade das formas e funções biológicas que o darwinismo postulou<sup>30</sup>, mas sim o enriquecimento de potencialidades, que no ser humano corresponde a uma educação integral, em que é decisiva a formação do carácter.

---

desdicha.» Mientras que Aristóteles dice: «Busca el arquero con los ojos un blanco para sus flechas ¿y no lo buscaremos para nuestras vidas?» He ahí dos sensibilidades contrapuestas: la moral del negocio y la moral del ocio o deporte. (...)» – “El origen deportivo del Estado” [II], in *Oc*, Tomo III, p. 778.

<sup>28</sup> Em 1906, Ortega, muito jovem ainda, invocava já o conselho de Maquiavel, segundo o qual, para agirmos com prudência, devemos apontar, como um arqueiro, para tanto mais alto quanto mais longe se encontra o alvo a atingir – cf. “[Discurso para los Juegos Florales de Valladolid]”, in *Oc*, Tomo VII, p. 90.

<sup>29</sup> O filósofo madrileno não deixou até de considerar, nomeadamente numa conferência proferida em Lisboa, em 1946, o extremo oposto ao *estar em forma* a saber, o *ser ruína* – cf. *Idea del Teatro. Una abreviatura*, in *Oc*, Tomo IX, pp. 828-830.

<sup>30</sup> “[...] la actividad adaptativa o utilista es siempre una manifestación secundaria de la vida que supone una actividad previa puramente lujosa, superflua, espontánea, no forzada, de cuyos actos va siendo seleccionado, mecanizado, aquel repertorio de movimientos ventajosos. Lejos, pues, de ser su utilidad l principio de la vida seria la vida útil mera decantación, precipitado y consecuencia de la vida verdaderamente originaria, toda ella abundancia, generosa y ágil expansión, libérrima prodigalidad.” – “El sentido deportivo de la vitalidad”, ob. cit., p. 826.

Por isso, a *nobreza* que o pensador espanhol persistentemente defendeu (em todas as áreas em que interveio ao longo do seu trajecto biográfico e que exprimiu na sua magnífica obra escrita, dedicada aos mais diversos temas) tem de entender-se como *aristocracia de carácter*. A riqueza a que o ser humano deve almejar é constituída por capacidades para ser livre e criador, simbolizadas no *rigor mental*<sup>31</sup> imprescindível para atender às suas circunstâncias, às possibilidades<sup>32</sup> a partir das quais forjará um caminho singular. Que isso é possível prova-o o *gentleman*, ou seja, o ser humano (portanto, *gentleman* ou o que chamaríamos, por simetria um tanto irónica, *gentlewoman*...) que procura encarar todos os momentos da vida, até os mais penosos da subsistência e do trabalho, com a serenidade, a força flexível e o *fair play* de um desportista.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> “Es imposible hacer nada importante en el mundo si no se reúne esta pareja de calidades: fuerza y disciplina. (...) No basta curiosidad para ir hacia las cosas; hace falta rigor mental para hacerse dueño de ellas.” – “Carta a un joven argentino que estudia filosofía”, in *Oc*, Tomo II, pp. 467-468.

<sup>32</sup> É muito pedagógica a posição de Ortega sobre o *dever ser*, que tem um lugar muito importante no seu pensamento, mas entendido como imperativo que tem em consideração as *possibilidades*, a contextura real – nomeadamente do humano, individual ou colectivamente tomado – e o que nesta é passível, sem ilusões, nem falsificações, de aperfeiçoamento. Isso mesmo é resumido nestas palavras de *España invertebrada*: “Sólo *debe ser* lo que *puede ser*, y sólo puede ser lo que se mueve dentro de las condiciones de lo que *es*. Fuera deseable que el cuerpo humano tuviese alas de pájaro; pero como no puede tenerlas, porque su estructura zoológica se lo impide, sería falso decir que *debe tener alas*.” – *España invertebrada*, in *Oc*, Tomo III, p. 487. Por conseguinte, entende-se que o autor, que sugestivamente desmonta a *magia do “dever ser”*, venha mais de uma década depois a distinguir o “*mal utopista*” do “*buen utopista*”: o primeiro “*piensa que, puesto que es deseable, es posible, y de esto no hay más que un paso hasta creer que es fácil*”, enquanto o “*buen utopista, en cambio, piensa que puesto que sería deseable (...) sólo cabe lograrlo en medida aproximada (...) y ello abre ante nuestro esfuerzo una actuación sin límites en que siempre cabe mejora, superación, perfeccionamiento (...)*”. – “*Miseria y esplendor de la traducción*”, ob. cit., p. 712.

<sup>33</sup> Cf. “*Meditación de la técnica*”, in *Oc*, Tomo V, p. 582 e ss. Veja-se esta síntese do que distingue o *gentleman*, representando um modelo ou quadro de valores e de obrigações característicos, na perspectiva orteguiana, do autêntico ser humano e, por isso, da sua formação: “(...) su espíritu de justicia, su veracidad, el pleno dominio de sí fundado en el previo dominio de lo que le rodea, la clara conciencia de lo que es su derecho personal frente a los demás y del de los demás frente a él; es decir de sus deberes. Para él no tiene sentido la trampa. Lo que se hace hay que hacerlo bien y no preocuparse de más.” – *Ibid.*.

Procurando terminar, voltando de alguma maneira ao início, precisamos ainda de alertar para dois aspectos:

1) a Filosofia permite aprofundar, como o pensamento orteguiano ilustra, as concepções antropológicas e de educação ética que estão subjacentes ao desporto como actividade tipicamente humana e humanizante;

2) por outro lado, ela própria é, na sua especificidade, um exemplo de esforço humano sem garantias, ousado, mesmo heróico, porquanto cada filósofo procura o sentido radical do que está para além da e/ou é irreduzível à realidade dada e mesmo à existência; e assim sendo, também ele (lado a lado com os paradigmas éticos do arqueiro, do nobre, do *gentleman*, do *buen utopista*) pode conceber-se através do arquétipo do desportista: alguém que troca o mero desfrutar do que está já aí, disponível, por uma compreensão clara e rigorosa que lhe faz querer estar *em forma*, que exige esforço, sem que o que procura se afigure aos outros, à primeira vista, imprescindível ou sequer útil.

Não admira, enfim, que Ortega, tanto no já referido curso *¿Qué es filosofía?*<sup>34</sup>, como antes<sup>35</sup> e depois<sup>36</sup> dele, tenha recorrido à definição de Filosofia como “he epistème tôn eleútheron” (dada por Platão no diálogo *Sophistés*) e sugerido que a sua tradução *mais exacta* seria esta: *a ciência dos desportistas*.

E, aqui, sustentamos nalguma medida que a Filosofia pode ser, seja qual for o seu objecto de problematização e precisamente como preconizava o pensador

---

<sup>34</sup> Cf. *QF?*, ob. cit., p. 279.

<sup>35</sup> Cf. “El deber de la nueva generación argentina”, in *Oc*, Tomo III, pp. 665-666.

<sup>36</sup> Cf. *La razón histórica* [*Curso de 1940*], in *Oc*, Tomo IX, p. 486.

espanhol, não uma actividade pedante, mas um esforço por teorizar numa *atmosfera jovial e desportiva*<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Cf. *QF?*, ob. cit., pp. 294-295 e p. 330.